

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE: UM ESTUDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Marli Lúcia Tonatto Zibetti¹
Maria Ivonete Barbosa Tamboril²
Edimar Roberto de Lima Sartoro³

RESUMO: O texto apresenta os resultados de pesquisa desenvolvida em três municípios de Rondônia, envolvendo 80 professoras que atuavam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, em escolas urbanas e escolas do campo. As referidas professoras foram ouvidas em entrevistas coletivas realizadas nos próprios locais de trabalho e buscou-se compreender, a partir de seus depoimentos, a forma como lidavam com as diferentes atribuições da vida profissional, doméstica e pessoal e as implicações dessas demandas para sua saúde física e mental. Os resultados, analisados à luz da literatura que discute a saúde docente sob o enfoque de gênero, indicam que as condições precárias de trabalho, somadas à baixa remuneração e extensas jornadas têm contribuído para o adoecimento de muitas professoras com visíveis repercussões na qualidade de vida e do trabalho docente.

Palavras-chave: Trabalho docente. Gênero. Saúde.

Este trabalho tem por objetivo discutir as repercussões das condições de trabalho na saúde de mulheres professoras de três redes municipais de ensino no interior do estado de Rondônia, com base em dados obtidos em pesquisa financiada pelo CNPq e realizada

¹Pedagoga, Doutora em Psicologia; docente do Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Rondônia.

² Pedagoga, Doutora em Psicologia; docente do Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Rondônia.

³Pedagogo, discente do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia.

entre 2006 e 2008. A referida pesquisa ouviu, por meio de entrevistas coletivas, 80 professoras que atuavam em educação infantil e ensino fundamental, nas zonas urbanas e rurais dos municípios de Alta Floresta, Nova Brasilândia e Rolim de Moura, procurando compreender como elas conciliavam sua atuação profissional e as demandas familiares como mães, donas de casa e esposas.

A opção pela pesquisa com professoras das redes municipais de ensino foi feita em decorrência das condições peculiares de trabalho e carreira que caracterizam o cotidiano dessas trabalhadoras, visto que muitas atuam em escolas multisseriadas, outras em escolas polo localizadas no campo e, mesmo aquelas que atuam na zona urbana, não contam com garantias no plano de carreira, de tempo disponível na jornada de trabalho para planejamento, preparação de atividades ou correção de tarefas.

Além disso, o fato de atuarem em escolas do campo demanda tempo para deslocamento e muitas vezes significa exercer a profissão em condições muito precárias, tanto em relação aos espaços físicos disponíveis, quanto aos recursos humanos para as atividades de apoio pedagógico ou técnico.

Assim, nas próximas páginas apresentamos algumas questões teóricas a respeito da temática, trabalho docente e saúde, da perspectiva dos estudos de gênero. Em seguida descrevemos brevemente como foi realizada a pesquisa. Nos resultados trazemos os depoimentos de professoras sobre as condições de vida e de trabalho e as implicações dessas condições para a saúde dessas profissionais nos três municípios pesquisados.

TRABALHO DOCENTE, GÊNERO E SAÚDE

Historicamente os estudos sobre as relações entre trabalho e saúde foram se constituindo como estudos sobre a saúde dos homens, uma vez que foram produzidos a partir de contextos fabris, cujas ocupações eram predominantemente masculinas, enquanto as mulheres ocupavam a maioria dos postos na área de prestação de serviços.

Para Siqueira e Ferreira (2003, p. 77) o desconhecimento que existe sobre os efeitos do trabalho feminino na saúde das mulheres é decorrente, pelo menos em parte, da invisibilidade das mulheres como trabalhadoras, uma vez que o trabalho produtivo remetia àquele exercido por homens nas indústrias. “Associa-se a isso o fato de as mulheres serem historicamente vistas como mães e, assim, os poucos estudos existentes sobre a saúde da trabalhadora centravam-se nos efeitos nocivos do trabalho sobre o ciclo da reprodução.”

Ao ignorar as diferenças de gênero na realidade laboral, os estudos conduzidos em homens mostraram-se inadequados para explicar as condições do trabalho feminino, não só devido a aspectos relativos à dupla jornada, mas também pela segregação sexual das ocupações, determinando a distribuição de tipos de tarefas e postos de trabalho de forma desigual entre os sexos.

Diferenças entre as condições de trabalho dos homens e das mulheres têm sido apontadas pelas pesquisas e confirmam-se quando as mulheres, mesmo empregadas em ocupações iguais às dos homens, estão em postos menos valorizados. As mulheres também são menos qualificadas, recebem salários mais baixos e apresentam menores níveis de controle sobre o trabalho, além de estarem submetidas a níveis mais elevados de demanda. Segundo Araújo et al. (2006) parece haver consenso nos estudos preocupados em articular gênero, trabalho e saúde de que é necessário avaliar conjuntamente os aspectos do trabalho profissional e do trabalho doméstico para que se possa produzir conhecimentos que considerem a realidade das mulheres trabalhadoras.

As investigações voltadas para estas temáticas devem considerar a condição feminina levando em conta o tipo de atividades e ocupações das mulheres e suas características. Por isso, é preciso “[...] em estudos sobre o trabalho de homens e mulheres, avaliar a carga total de trabalho, considerando, inclusive, como as atribuições e responsabilidades na família e no trabalho interagem para ambos os sexos.” (ARAÚJO et al., 2006, p. 1121).

Analisar as consequências da dupla jornada de trabalho não é uma tarefa simples, pois demanda a articulação de diferentes fatores, tanto relativos à esfera pública quanto à privada. Mas,

entre as possíveis repercussões da dupla jornada de trabalho sobre a saúde, pesquisas apontam: sobrecarga psicológica, fadiga física, tempo insuficiente para lazer, descanso, sono e alimentação. E estas características têm sido associadas ao adoecimento psíquico (elevado estresse, depressão, ansiedade, sintomas psicossomáticos).

De acordo com estudiosos da área de saúde do/a trabalhador/a, o estresse desencadeado pelo ambiente de trabalho, denominado estresse ocupacional, se constitui como uma experiência desagradável, acompanhada por sentimentos de frustração, ansiedade, depressão causados por estressores existentes no âmbito laboral. Pode ser definido como um estado geral de tensão fisiológica que mantém relação direta com as demandas do ambiente. De acordo com Reis et al. (2006, p. 230-231) podem contribuir para o estresse ocupacional “as características individuais de cada trabalhador, passando pelo estilo de relacionamento social no ambiente de trabalho e pelo clima organizacional, até as condições gerais nas quais o trabalho é executado.”

Segundo Reis et al. (2006) a saúde dos professores e das professoras tem sido objeto de preocupação de poucos pesquisadores brasileiros se compararmos o número de trabalhos existente sobre outras profissões. Dentre os estudos nesta área destacamos os trabalhos de Codo (1999/2006⁴), Silvany-Neto et al. (2000), Gomes (2002) e Barros et al. (2007).

Embora os trabalhos citados tenham contribuído para dar visibilidade aos problemas de saúde no grupo ocupacional docente ao revelarem um elevado nível de estresse associado à atividade laboral, as análises não consideraram de forma específica, diferenças de gênero, contribuindo para que as questões relacionadas à saúde das mulheres continuassem ignoradas, desconsiderando-se a esmagadora presença de mulheres na docência. Por isso, destacaremos aqui, estudos que têm buscado compreender as especificidades das relações entre saúde e trabalho feminino em educação, tais como Siqueira e Ferreira (2003) e Araújo et al. (2006).

O trabalho de Siqueira e Ferreira foi desenvolvido com professoras da rede pública municipal de ensino de Florianópolis

⁴A primeira data refere-se ao ano da publicação inicial. A segunda, ao da obra consultada.

– SC - que estavam no exercício da docência em turmas das séries iniciais do ensino fundamental e que pertenciam ao quadro efetivo. De uma amostra de 150 professoras foram selecionadas 99 que haviam gozado licença para tratamento de saúde. A partir da análise dos prontuários arquivados na Gerência de Saúde do Servidor, órgão responsável pelas licenças dos servidores públicos municipais e estaduais, a pesquisa revelou que as causas mais frequentes indicadas foram, por ordem de incidência: doenças do aparelho respiratório, problemas do aparelho locomotor, problemas de saúde na família e problemas psicológicos e/ou psiquiátricos.

As doenças do aparelho respiratório abrangem desde simples resfriados até problemas crônicos como amigdalite, laringite, faringite e lesões nas cordas vocais. Segundo as pesquisadoras, os dados indicam que a maior incidência desses problemas ocorreu fora dos meses de inverno, o que permite associá-los às condições de trabalho “que incluem longos períodos em ambientes fechados, a convivência com um grande número de crianças e o uso permanente da fala.” (SIQUEIRA, FERREIRA, 2003, p. 79).

Os problemas do aparelho locomotor referem-se a entorses, cervicalgias, lumbago e, principalmente, desvios de coluna. De acordo com análises das autoras estes problemas mantêm relação direta com o tempo de exercício da função. Ou seja, quanto maior o tempo de serviço, maior o número de licenças médicas por problemas no aparelho locomotor.

Quadros depressivos e de estresse representam a maior parte dos problemas psicológicos e/ou psiquiátricos apresentados pelas professoras do grupo pesquisado. Com base em entrevistas realizadas com nove docentes selecionadas entre aquelas que apresentavam quadros depressivos em seus prontuários “esses quadros parecem estar relacionados com as frustrações profissionais e/ou pessoais associadas às ansiedades decorrentes das tentativas de conciliação impostas pela dupla jornada de trabalho.” (SIQUEIRA, FERREIRA, 2003, p. 79).

O estudo aponta também um número significativo de licenças médicas para tratamento de familiares, em geral, filhos, indicando que é a mulher quem historicamente vem assumindo a função de

cuidadora.

A pesquisa de Araújo et al. (2006) partiu da hipótese de que, no interior da escola, reproduzem-se as relações de gênero observadas na sociedade e, portanto, persistiriam as diferenças de atribuições e de valorização social do trabalho segundo o gênero. O estudo realizado foi epidemiológico censitário, do tipo corte transversal com 794 professores (47 homens e 747 mulheres) da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista – BA.

Os resultados indicaram que as mulheres tinham menor nível de escolaridade do que os homens, estavam há mais tempo na docência, apresentavam maior carga horária semanal de trabalho (embora fossem responsáveis por um menor número de turmas), tinham maior proporção de alta sobrecarga doméstica e referiram menor nível de participação no processo decisório do que os homens. Dentre os problemas de saúde estudados, as mulheres apresentaram prevalência em todos eles, sendo exceção o uso abusivo de álcool. Ou seja, na avaliação das queixas de saúde constatou-se que em relação aos sintomas vocais 55,7% de mulheres apontaram dor de garganta contra 34,8% dos homens; perda temporária da voz apareceu 25,6% para mulheres contra 4,4% de homens. Quanto aos sintomas respiratórios as respostas foram similares, embora tenham aparecido com maior incidência entre as mulheres.

Entretanto as diferenças na sintomatologia para saúde mental (esquecimento, cansaço mental, insônia e nervosismo) foram significativamente mais elevadas entre as mulheres (56,8% contra 34% entre os homens). Também predominaram entre as mulheres sintomas osteomusculares como dor nas pernas/formigamento (65,6% em mulheres contra 30,4% em homens), dor nas costas (64,6% em mulheres contra 33,3% em homens), dor nos braços (68,7% em mulheres contra 41,3% em homens) e dor na coluna (55,6% em mulheres contra 29,5% em homens).

A pesquisa também investigou a responsabilidade com a realização das tarefas domésticas como: limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupa, cuidar das crianças e fazer compras. Em todas estas atividades as mulheres apareceram como as principais responsáveis, sendo que apenas a atividade referente a fazer compras apresentou

uma diferença pouco significativa entre os sexos.

A responsabilidade feminina pelo trabalho doméstico mostrou-se relevante, ainda uma atribuição mais das professoras do que dos professores, mesmo dado o processo de profissionalização destas mulheres. A dupla jornada de trabalho, profissional e doméstico, foi, de fato, uma realidade para as mulheres estudadas. Vale lembrar que as mulheres apresentaram menores níveis de qualificação formal, sendo a necessidade de realizar a dupla jornada de trabalho um possível obstáculo ao avanço profissional. (ARAÚJO et al., 2006, 1127).

Segundo Siqueira e Ferreira (2003, p. 82) o problema que está em pauta quando se discute a saúde das mulheres não está no corpo, ou na biologia, uma vez que não é a constituição biológica que oprime as mulheres, mas “um sistema social baseado na opressão de classe, gênero, etnia/raça e geração, entre tantas outras formas.”

Confirmando as palavras das autoras, Araújo et al. (2006) esclarecem que nas escolas tornam-se evidentes as diferenciações no que se refere ao gênero, pois se mantêm as relações que destinam às mulheres os postos de trabalho de menor qualificação, com menores salários e baixo *status* social.

Por isso é impossível pensar a relação das mulheres com o trabalho profissional e com sua qualificação sem romper com a separação entre público e privado, trabalho remunerado e não remunerado e sem intervir sobre o trabalho doméstico. E trazer à tona estes valores e estes processos é fundamental para recolocar as funções masculinas e femininas na sociedade.

Conforme indicam os dados apresentados a seguir, as condições do trabalho docente feminino no estado de Rondônia não diferem do quadro apresentado pelas pesquisas revisadas neste texto. Ao contrário, há peculiaridades que agravam essa situação indicando a importância de estudos sobre a temática.

A PESQUISA

Por meio de análise documental dos Planos de Carreira, Cargos e remuneração, entrevistas com técnicas das secretarias de educação e realização de entrevistas coletivas com as professoras,

a investigação analisou as condições de trabalho nos municípios de Rolim de Moura, Alta Floresta D'Oeste e Nova Brasilândia D'Oeste, todos localizados no interior do Estado de Rondônia.

Neste texto, analisaremos os depoimentos das professoras, obtidos por meio das entrevistas coletivas que se constituíram como instrumento importante na compreensão dos processos de construção da realidade por esse grupo de profissionais. As opiniões das docentes nos permitiram problematizar as relações entre as demandas do trabalho profissional, somadas às demandas do trabalho doméstico e às repercussões que esta sobrecarga ocasiona na saúde das participantes da pesquisa.

Colaboraram com esta pesquisa 80 professoras com idades entre 22 e 62 anos: 56 delas casadas, 13 solteiras, oito divorciadas e três viúvas. Sete não têm filhos; 30 têm um filho, 27 têm dois filhos e 16 têm mais de dois filhos.

O tempo de trabalho em educação das professoras ouvidas oscilava entre 02 a 30 anos. E, das 80 participantes, 62 trabalhavam 40 horas, 15 trabalham 25 horas e apenas três tinham contratos de 20 horas.

Em relação à formação, 45 delas cursaram magistério em escolas de curso regular e 35 em cursos especiais oferecidos em regime supletivo (LOGUS, FÊNIX e Pró-formação). Quanto à formação em nível superior, 27 concluíram o curso de Pedagogia. As demais estavam cursando Pedagogia ou Normal Superior, 98% no sistema de ensino à distância⁵.

Foram realizados nove entrevistas coletivas, três em cada município, com a participação de 8 a 9 professoras em cada grupo. Os encontros foram coordenados por uma mediadora, com a colaboração de duas auxiliares de pesquisa que realizaram as anotações necessárias para complementar as gravações. As referidas entrevistas foram gravadas, com autorização das participantes e depois transcritas para análise.

⁵A dificuldade de acesso à formação é uma característica relevante neste grupo, pois indica o esforço que estas mulheres têm empreendido para obter a escolarização exigida ao exercício da função docente. Muitas delas, cujo acesso ao ensino médio foi obtido em cursos semipresenciais, devido à dificuldade de acesso aos centros urbanos em que este era oferecido na modalidade regular, novamente só têm acesso à graduação no sistema à distância e o que é mais grave ainda, em cursos pagos, os quais obrigam as professoras a gastarem parte dos diminutos salários com a própria formação.

TRABALHO DOCENTE EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE RONDÔNIA

A pesquisa indicou que as docentes, além de submetidas a jornadas exaustivas no âmbito profissional ainda assumem outras atribuições como mães, donas de casa e estudantes, com graves consequências nas condições de saúde e na qualidade de vida dessas profissionais.

A primeira questão discutida com as professoras, durante as entrevistas coletivas realizadas com as participantes da pesquisa, abordou a relação entre trabalho profissional e vida pessoal. As professoras afirmaram que se sentem incomodadas, principalmente com a cobrança dos familiares, sentindo-se “culpadas” por estarem tão pouco tempo ao lado dos filhos e filhas.

Além do trabalho doméstico, a gente, eu por exemplo eu tenho uma filha de três anos, então é mais estressante ainda, você chega em casa de tarde, ela quer um pouco da sua atenção. Você está estressada já de moleque, você quer deitar e esticar as pernas e às vezes tem que andar de bicicleta, tem que correr, jogar bola, brincar! **Tem hora assim que você olha ali pro despenhadeiro lá pra baixo e dá vontade de correr...** (PEI-6/NB).

A cobrança é muito grande com os maridos. Eu tive problemas sérios com meu esposo no ano passado. Difícil mesmo, por causa disso: eu chego cansada, não tenho pique. Vamos sair, vamos a tal lugar? E eu não aguento, não vou! **A gente não aguenta, é muita coisa: é casa, é família, é escola!** (PSI-7/NB).

Eu tô passando assim por uns problemas de saúde, estresse. Eu sempre trabalhei na linha⁶. Já cheguei a trabalhar em duas linhas, em duas escolas com quatro séries em cada uma. E isso foi acarretando um índice de estresse assim que eu fiquei mal mesmo. Cansaço físico e mental muito grande por causa da carga horária ser excessiva.[...] Estou em tratamento médico. Você passa o dia inteiro fora de casa aí você só chega a noite em casa para dar conta da sua casa, dar conta do seu marido, dar conta do seu filho. Olha às vezes a gente é cobrada, muito cobrada! Eu mesma estou passando por um problema no meu casamento porque o meu marido acha que eu não tenho tempo pra ele. **Eu me sinto culpada porque meu filho fica mais com a minha mãe do que comigo.** Meu marido me cobra: “Nossa você só vive para seu trabalho, só vive para seu trabalho!” (PSI-16/RM)

⁶Denominação utilizada para pequenas localidades no campo.

Segundo Vasques-Menezes, Codo e Medeiros (2006) quando a profissional sente, de um lado, a necessidade de trabalhar e, de outro, a necessidade de se dedicar mais aos filhos, ao marido, ao lar, às obrigações familiares, instaura-se um conflito, um paradoxo, uma angústia. O que resulta disso é um sofrimento psíquico, a exaustão emocional e a despersonalização. “Temos que a exaustão emocional nada mais é do que a expressão do sofrimento que os trabalhadores sentem quando não conseguem dar mais de si mesmos a nível afetivo. Esgotam-se a energia e os recursos emocionais próprios, se sentem exauridos emocionalmente.” (VASQUES-MENEZES, CODO, MEDEIROS, 2006, p. 258).

O excesso de atribuições, a sobrecarga emocional e física ocasionada pelas dificuldades nos locais de trabalho são dramaticamente enunciados nos depoimentos feitos pelas professoras durante as entrevistas, por isso, embora longos, preferimos destacar os trechos abaixo para evidenciar o que sentem as participantes:

[...] no meu caso assim, muito cansaço físico mesmo. Duas escolas, muito complicado. Eu falo assim, de repente, se fosse no mesmo local eu não estava tão cansada! E duas responsabilidades totalmente diferentes: uma turma com quatro séries juntas! Além de ser ainda uma escola na zona rural onde além das quatro séries você ainda tem que ser a cozinheira, a faxineira, a secretária, tudo lá na escola. Puxar água do poço, lavar escola, matar cobra dentro da escola... (risos!) É o cansaço físico mesmo. [...] **teve momento que me dava vontade só de dormir para ver se descansava, mas eu dormia e parecia que não tinha acontecido nada no corpo.** (PEI-9/AF).

Você não descansa. Porque você não está mais com eles [os alunos], mas não deixa de pensar. Você fica pensando: “Ah, o que é que eu faço? O que, que eu tenho que fazer? O que, que é melhor?” Então, **you acaba levando trabalho para casa porque você não desliga.** (PSI-7/RM).

[...] eu estou percebendo o ouvido. [...] tem dia que **eu chego em casa parece que o barulho do ventilador, do ventilador da escola, não parou de rodar ainda**, parece que o eco dos gritinhos das crianças, aquela falação deles, parece que está ali. Tem dias que eu chego em casa parece assim, que tem que tampar os ouvidos para dormir. E eu só tenho 4 anos de trabalho. Imagina com uns 15 ou 19! (PSI-4/RM).

Eu já tive depressão profunda e foi logo no início, quando eu comecei a trabalhar. Eu não aguentei, era muito puxado. Era na linha eu tinha que levar marmita. E eu parei de comer dois meses. Eu

chegava em casa a noite e eu não tinha coragem de abrir a geladeira para comer uma maçã! Foi me dando depressão. Fui no neurologista e tudo! **Tentei até suicídio!** Tomei um monte de remédio. Porque eu não aguentava mais aquilo. O cansaço era muito grande e então tive um problema muito sério e até hoje tenho seqüelas. [...] na época fiquei afastada dois meses e fiquei afastada da sala de aula também até que eu melhorei. Eu tenho nove anos em educação e desses, três anos fiquei fora da sala de aula. (PSI-3/NB).

No ano de 89 eu trabalhei com ensino especial: crianças deficientes e mudas. Eram 4 crianças mudas e surdas e 4 deficientes; quando chegou no meio de outubro eu não resisti mais. **Eu chegava no portão da escola minha cabeça inchava.** Eu fui parar em Porto Velho. Fiquei 24 dias lá. Aquela dor de cabeça! Um estresse na cabeça. Depois que eu parei de mexer com isso [Ensino Especial] melhorou! (PSI-5/AF)

As professoras ouvidas traduzem em suas palavras, tanto as condições de trabalho em que atuam, quanto a influência dos elementos próprios da docência nas suas condições de vida e saúde. Os trechos evidenciados indicam como as condições de trabalho produzem sintomas físicos: é o barulho do ventilador que não “para de rodar” mesmo quando não estão mais na escola, é a cabeça que fica “inchada” ao chegar na escola, é um cansaço que não acaba, apesar de haver dormido. Tudo isso levando a transtornos mentais, mais ou menos graves, conforme indicam as profissionais ouvidas.

O estudo de Araújo et al. (2006, p. 1126) também revelou um intenso sofrimento mental entre os professores e professoras da rede municipal de Vitória da Conquista – BA, participantes da pesquisa. Segundo os/as autores/as há uma elevada prevalência de transtornos mentais comuns em ambos os sexos, entretanto a prevalência é significativamente mais elevada entre as mulheres - 56,8% - contra 34% entre os homens.

Para Vasques-Menezes, Codo e Medeiros (2006), ao não encontrarem alternativas para atender as diferentes demandas com as quais se deparam os/as professores/as sentem-se esgotados/as e desenvolvem um sentimento de impotência que leva ao afastamento hipotético do trabalho, ou seja, a despersonalização “[...] que é o desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas com um certo endurecimento afetivo e coisificação ou materialização da relação, [que] surge neste caso como resposta ao sofrimento instalado.” (p.

259).

Como vimos pelos depoimentos das professoras, o sofrimento psíquico nem sempre leva a um afastamento apenas hipotético do trabalho, mas muitas vezes, leva a afastamento real ocasionado por longos períodos de licença, que deixam marcas muito profundas na vida dessas mulheres. Algumas conseguem lidar com estas dificuldades utilizando estratégias que permitem aliviar a tensão e o desgaste gerado pelo trabalho, recuperando as energias para a próxima jornada. Outras, entretanto, necessitam de afastamentos mais prolongados, ajuda de medicamentos ou então abandonam a profissão.⁷

O depoimento de uma professora que atua nas séries iniciais em Alta Floresta, no entanto, nos leva a questionar por que, mesmo enfrentando um nível elevado de estresse que a leva a procurar ajuda especializada, a professora afirma sentir-se bem em sala de aula e escolhe permanecer no trabalho:

De vez em quando algum estresse, mas a gente toma algum calmante aí melhora. [...] **eu fui ao médico aí ele falou para eu me afastar um pouco da sala.** Eu falei: “Eu não!” A gente fica fora da sala de aula a gente não aguenta! Até quando eu fico assim de férias eu não consigo ficar sem fazer nada, eu não consigo ficar fora da sala de aula. A gente se acostuma. Eu tomei o remédio e melhorei aí não precisou me afastar. (PSI-20/AF)

Para Vasques-Menezes, Codo e Medeiros (2006), o reconhecimento do trabalho realizado pelos/as professores/as por parte da sociedade, da família e dos colegas de profissão pode ser um caminho para reverter o sofrimento psíquico gerado pelo conflito entre as demandas familiares e profissionais. Entretanto para Araújo et al. (2006, p. 1128) “o fato de a profissão representar mais um lócus de realização pessoal para as mulheres, ao lado da família, também coloca questões pouco conhecidas, especialmente no campo das representações e construções simbólicas em relação à saúde.”

Os três municípios pesquisados configuram-se como cidades pequenas, com poucas opções de lazer. Entretanto, algumas professoras indicam encontrar alternativas para interromper o ritmo

⁷ Sobre abandono do magistério ver trabalho de Lapo e Bueno (2002).

de trabalho aos finais de semana e recuperar as energias para retomar a rotina semanal.

Todo fim de semana o domingo é sagrado, aquilo ali a gente tira para a gente, se é para fazer um passeio só nós dois, é só nós dois. (PSI-3/RM).

Eu vou dormir! Passo o domingo todinho dormindo. Perdi muito sono na época em que estava fazendo faculdade e depois com a pós. Agora eu tiro o domingo para dormir. [...] Se eu não repuser as energias que eu gasto durante a semana, eu percebo que na segunda eu não vou dar conta do recado. (PSI-5/RM).

[...] à noite eu chego em casa guardo a moto, tranco a porta, apago a luz e fico lá dentro com a minha filha para ninguém me perturbar porque eu quero descansar. O dia que eu consigo eu leio um pouco à noite Senão, 8 horas eu caio na cama e acordo às cinco e meia no outro dia para começar de novo a rotina. O sábado eu passo completamente na igreja, aí sábado à noite às vezes a gente come uma pizza, faz um almoço no domingo. Mas o resto do domingo também é em casa. (PSI-1/RM).

Eu também fico tão cansada, que não tenho prazer de sair. Quando eu saio parece que eu me canso mais do que se não tivesse saído. Então o meu prazer assim pra descansar quando eu estou muito estressada eu procuro fazer um bordado, um crochê. Mas o meu prazer mesmo é estar lendo, deitada na rede. Eu tiro também para fazer minhas leituras à noite porque o meu marido trabalha 60 horas e ele chega em casa depois das 11h e a minha filha também agora está estudando a noite e eu não consigo dormir antes dela chegar. Então eu aproveito para ler. Televisão eu não sou muito chegada em novela. Eu gosto de coisa histórica como Amazônia, [...] ou um jornal, ou um seriado. (PSI-2/RM)

Conforme algumas professoras já perceberam, as escassas situações de lazer podem contribuir para o agravamento dos quadros de estresse. E no caso das participantes de nossa pesquisa, ficou evidente que, além das poucas oportunidades de lazer existentes nos municípios, ainda há os agravantes da falta de tempo e de recursos para custear despesas desta ordem.

Você não tem financeiramente... você não pode tirar... depois vai faltar. Você tem uma conta pra pagar... (PSI-16/AF).

Se o salário desse de sobra, pra você ter momentos de lazer, não ficar levando o trabalho da escola para casa. Não temos dinheiro de sobra e nem um tempo de trabalho adequado. Se você não levasse trabalho para casa no domingo. Passei a noite dormindo e dando

aula entende? Quer dizer, até dormindo você tem o trabalho de estar preocupada. Você tá preocupada e se tivesse disponibilidade de dinheiro seria outra coisa. (PSI-18/AF)

Eu já precisei de ajuda profissional... Preciso caminhar e não tenho tempo. Tô procurando uma hora pra caminhar por causa da idade e não consigo encontrar um tempo pra caminhar. (PEI-4/RM).

Lá em casa ultimamente nem tem lazer. Passo o sábado e domingo trabalhando, fazendo faxina. A gente sai às vezes para a igreja que a gente não deixa de participar, mas é só isso! (PEI-2/AF)

O que nossa pesquisa nos permite afirmar é que as precárias condições de trabalho nas quais atuam as professoras das redes municipais de Alta Floresta, Nova Brasilândia e Rolim de Moura, agravadas pela baixa remuneração, têm contribuído de uma maneira bastante grave para o surgimento ou agravamento de problemas de saúde, não só mentais, mas também físicos. Um número significativo de professoras relatou problemas com a voz. Foram dezessete depoimentos indicando algum tipo de dificuldade neste aspecto, dentre os quais destacamos os exemplos a seguir.

Eu sempre tenho complicações, com a garganta. [...] Nessa época da poeira, irrita muito mesmo. Quando chega o final de semana a gente quase nem tem vontade de falar, nem com os próprios filhos. No ônibus mesmo eu quero ouvir as meninas falando, sorrindo se divertindo, mas prefiro ficar na minha até o ponto de chegar em casa e querer me isolar da própria família. (PSI-14/RM).

Perdi minha voz. Fiquei 15 anos na alfabetização, sem contar que trabalhava com jovens e adultos alfabetizando à noite. Então perdi minha voz, tive que fazer terapias, hoje eu não agüento mais falar. Se eu pegar uma turma assim muito grande... alfabetização eu não posso mais. (PSI-2/RM).

Quando eu uso muito o quadro de giz eu perco a voz; eu tenho gripe daquelas terríveis e não consigo respirar. Vou dormir à noite tenho vários problemas nesse sentido. (PSI-16/NB).

Quintas-feiras e sextas-feiras eu já fico rouca, porque passo a semana inteira falando. Já fiz tratamento e vou ter que fazer uma cirurgia retirar as amígdalas. (PSI-9/RM)

Nesse mês mesmo de novembro eu fiquei rouca duas vezes, perdi a voz...[...] fui ao médico e ele comentou, que minhas amígdalas estão infeccionadas devido ao meu trabalho. Porque eu preciso falar muito, a ferramenta do professor é a voz. Às vezes a gente precisa falar um pouquinho em tom mais elevado, e aí vai prejudicando, e pelo fato da gente também não ter aquele hábito de beber água. Eu

mesma, bebo pouquíssima água! (PEI-2/NB)

Nos trabalhos de Araújo et al. (2006), Siqueira e Ferreira (2003), Gomes e Brito (2006) também são frequentes as queixas docentes em relação a sintomas vocais. E o trabalho de Barros et al. (2007) na análise ergonômica da atividade docente confirma e ao mesmo tempo explica o desgaste físico que a ocupação implica:

[...] o trabalho das professoras envolve uma enorme carga física que se estabelece pela permanência da educadora em posição ortostática durante 95% das atividades, com grau variado da coluna cervical. Destaca-se, também, uma organização do trabalho marcado pela atenção permanente, ritmo intenso de trabalho, necessidade de controle disciplinar, uso elevado da voz, número grande de alunos por turma, obrigando a professora a executar regulações para atender ao trabalho prescrito. (BARROS et al., 2007, p. 110).

Conforme demonstram as análises de Barros et al. as professoras de nossa pesquisa também apontaram problemas de coluna em decorrência do trabalho executado, conforme exemplificam as professoras abaixo:

Eu já tinha problema com coluna, mas se agravou com os abraços, com as levantadinhas deles. Eles são pré I, então eles são pequenos, eles gostam muito de ficar no colo. A gente procura não pegar eles muito, mas as vezes a gente pega, aí eu acho que me machuca. (PEI-7/NB)

Eu tenho um problema sério de coluna. Atinge a cabeça da gente. É devido ao estresse, cansaço, tantos anos de serviço, só nessa rotina. (PEI-8)

Problemas renais decorrentes de longos períodos sem ir ao banheiro, bebendo pouca água, também foram apontados pelas docentes, além da presença de morcegos nos forros e paredes das construções escolares, cujas fezes, quando inaladas podem causar danos aos pulmões.

Eu tenho um problema de rinite e o médico acha que é devido ao giz e muita poeira, há 15 anos que eu uso remédio. É um problema de rins que o médico falou que é de ficar muito em pé, má alimentação e a água que eu não tomo.[...] eu já fui condenada a tirar um rim. Eu tenho mania de esquecer de ir ao banheiro. (PSI-14/NB).

Problema de Rins! Já bebe pouca água para ir pouco ao banheiro. Se você tem aluno danadinho, se você vai ao banheiro, quando você volta já ta aquele tumulto na sala. (PSI-18/NB).

Eu tive um problema assim no trabalho, por causa de cocô de morcego. [...] Eu ainda tenho esse problema eu comecei a tratar em 2003; nós já estamos em 2007; o tratamento é de cinco anos ou mais. Eu fiz vários exames e o médico falou pra mim que eram os morcegos. Ele falou que poderia causar problema pulmonar e de estômago. (PSI-8/AF).

[...] eu não tô suportando mais. É muito morcego! Tá tudo pintadinho no chão. Você deixa as carteiras limpinha, você chega no outro dia tá tudo cheio de sementinha. [...] Quando abre a escola eu começo a espirrar por causa daquele cheiro forte e já vai dando uma coisa na garganta. (PSI-13/AF)

As palavras das professoras trazem à tona, novamente as más condições na estrutura física das escolas. Os prédios escolares não são construídos considerando-se a saúde e o bem estar de seus usuários e usuárias e, portanto, têm número limitado de sanitários (em alguns casos não há nenhum para uso exclusivo dos funcionários e funcionárias), muitas vezes localizados em locais distantes das salas de aula. Algumas escolas rurais não têm água encanada e, portanto, utiliza-se privada que precisa ser construída a uma boa distância da escola. Além disso, apresentam outras situações insalubres como a presença de morcegos, como denunciam as professoras.

Estes dados apontam para a necessária intervenção do poder público na garantia de condições dignas de trabalho e estudo, tanto de crianças e jovens do campo, quanto das classes populares urbanas. Ouvindo estas profissionais descreverem as condições de vida, trabalho e formação a que estão submetidas, não podemos nos furtar de questionar que qualidade pode ter uma aula ministrada sem planejamento, sem apoio, sem recursos? Que qualidade pode ter uma formação realizada nestas condições: trabalhando 40 horas semanais, sem tempo para as tarefas acadêmicas, quiçá para leitura, estudo, atualização? Que qualidade de vida podem ter profissionais que não têm tempo para si e para a família?

O problema do rendimento escolar no sistema educacional brasileiro passa pelo enfrentamento destas questões: o descaso da sociedade brasileira com as péssimas condições de trabalho nas

escolas e a remuneração indigna dos/as docentes. Esses fatores contribuem para a desvalorização da carreira e conseqüentemente para a transformação desta em uma profissão com poucos atrativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora reconheçamos que a inserção das mulheres no trabalho é um importante fator de realização pessoal e, nesse sentido, traz contribuições positivas à saúde, não é possível admitir que uma atividade como a docência seja desenvolvida em situações tão aviltantes. Principalmente considerando-se a demanda emocional no trato com pessoas, muitas delas de pouca idade, que requer profissionais bem preparados e em condições plenas de saúde física e mental.

Por isso é urgente que a sociedade brasileira exija do poder público a melhoria das condições de trabalho e remuneração nas redes de ensino, condições imprescindíveis para garantir que a profissão se torne mais atrativa para os jovens que atualmente estão fugindo da docência.

Por outro lado, também são urgentes e necessárias as mudanças nos padrões culturais que contribuem para a sobrecarga das mulheres, tanto nas tarefas domésticas quanto no cuidado com os filhos. Essa articulação entre trabalho feminino e trabalho doméstico, estendida para a docência, tem contribuído para que esta seja considerada profissão feminina, acentuando sua desvalorização.

A profissionalização das mulheres tem sido um passo importante para a reversão deste quadro, mas a consciência da desigualdade entre os gêneros precisa fazer parte da agenda na formação inicial e continuada, bem como das bandeiras de luta dos sindicatos da categoria, para que as próprias profissionais contribuam para a superação das relações desiguais entre homens e mulheres nos vários setores da sociedade brasileira.

TEACHER WORK AND HEALTH: A STUDY FROM THE STANDPOINT OF GENDER

ABSTRACT: The text presents the results of a research carried out in three cities IN Rondônia, involving 80 teachers working in kindergarten and elementary urban schools and rural areas. These teachers were heard in group interviews conducted in their workplace which sought to understand, from their statements, how they dealt with the different roles of their professional, domestic and personal lives and the implications of these demands on their physical and mental health. The results, analyzed based on literature that studies the teachers' health from the standpoint of gender, indicate that the poor working conditions, added to the low salary and long working hours have contributed to the illnesses of many teachers with visible impact on their quality of life and teaching.

Keywords: Teacher work. Gender. Health.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11, n. 4, p. 1117-1129, 2006.

BARROS, M. E. et al. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 102-123, 2007.

GOMES, L.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a05.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2007.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites**. (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2002. 123p. Disponível em: <<http://portalteses.>

cict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2002/gomeslm/capa.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2008.

REIS, E. J. F. et al. Docência e Exaustão Emocional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr., 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 dez. 2007.

SILVANY-NETO, A. M. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino na Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 24, n. ¾, p. 42-56, 2000.

SIQUEIRA, M. J. T; FERREIRA, E. S. Saúde das professoras das Séries Iniciais: o que o gênero tem a ver com isso? **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 3, p. 76-83, 2003.

VASQUES-MENEZES, I.; CODO, W.; MEDEIROS, L. O conflito entre o trabalho e a família e o sofrimento psíquico. In. CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006, p. 255-260.